





MARCELO DUARTE  
JOGO  
SUJO

2ª edição



Texto © Marcelo Duarte

Ilustrações © Leblu

Diretor editorial

*Marcelo Duarte*

Capa

*Leblu*

Diretora comercial

*Patth Pachas*

Projeto gráfico

*Vanessa Sayuri Sawada*

Diretora de projetos especiais

*Tatiana Fulas*

Diagramação

*Carla Almeida Freire*

Coordenadora editorial

*Vanessa Sayuri Sawada*

Impressão

*Lis Gráfica*

Assistente editorial

*Olivia Tavares*

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO  
NA PUBLICAÇÃO (CIP) DE ACORDO COM ISBD

Duarte, Marcelo

Jogo sujo/Marcelo Duarte; ilustrado por Leblu. – 2. ed. –  
São Paulo: Panda Books, 2020. 192 pp. il.

ISBN 978-85-7888-761-2

1. Ficção infantojuvenil brasileira. I. Título.

Bibliotecário: Vagner Rodolfo da Silva – CRB-8/9410

2020-139

CDD: 028.5

CDU: 82.93

2020

Todos os direitos reservados à Panda Books.

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo – SP

Tel./Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

Visite nosso Facebook, Instagram e Twitter.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

# SUMÁRIO

A um passo do título .....	9
Cheiro de notícia no ar! .....	16
Festa interrompida .....	19
Apenas um pesadelo?.....	25
O sumiço do craque.....	31
As apostas .....	35
À procura de pistas .....	38
Agitação no clube .....	41
A dor da distância .....	46
A Seleção precisa de um substituto .....	49
Correndo atrás de um furo.....	51
Jornalista com estilo.....	55
De “deus” a traidor.....	58
Desânimo nos treinos .....	61
À caça do leão.....	65
Marcação cerrada .....	68
A investigação continua .....	72
Contratos regados a uísque.....	75
O R traria a resposta?.....	77

Seguindo as pistas.....	79
A misteriosa fã.....	82
Paixão secreta.....	86
Ligações perigosas .....	89
Nervos à flor da pele.....	91
Serjão com a bola cheia .....	95
Vivendo e aprendendo a jogar .....	97
Procura-se Samantha desesperadamente .....	99
Levantando suspeitas.....	101
A entrevista coletiva.....	104
A chantagem.....	108
Torcedor em apuros .....	111
Rumo à zona Norte.....	114
Na marca do pênalti.....	116
O inquérito .....	118
No caminho certo .....	120
Como um goleiro na hora do gol .....	125
A prisão de um craque .....	128
Um recado urgente .....	131
Comportamento estranho .....	134
A testemunha ocular.....	137
Pressão psicológica .....	140
O local do cativoiro.....	145
O Rei Leão.....	147

A toalha desaparecida .....	151
A tocaia.....	153
Um solteiro a menos .....	156
Visita inesperada .....	159
Voz de prisão .....	164
O interrogatório .....	168
A volta para casa .....	173
Onde estava Ladislau? .....	177
Uma final eletrizante .....	181





## A UM PASSO DO TÍTULO

Os locutores mais antigos diriam que “a pelota descreveu uma parábola e estufou o filó”. E foi isso mesmo que aconteceu. O cruzamento saiu da ponta direita. A bola vinha muito alta e chegou a se confundir com as luzes fortíssimas dos refletores. Os pés do centroavante Zuba saíram do chão como se tivessem foguetes propulsores. Ele fez um movimento rápido de corpo e acertou uma cabeçada seca, forte, decisiva, abrindo o placar.

– Goooooooooooool!

Ouviu-se uma explosão na arquibancada: 20 mil pessoas gritando as três letrinhas mágicas com as gargantas escancaradas, pulando, abraçando o desconhecido ao lado como se fossem velhos amigos, agitando bonés e ajeitando os fones no ouvido. Era a alegria de um gol. Não um gol qualquer, mas o que poderia classificar o Dínamo para a final do Campeonato Brasileiro de Futebol.

– Prende a bola, não vamos marcar bobeira! – es-

goelava o goleiro Alexandre, enquanto os adversários, cabisbaixos, se preparavam para dar uma nova saída.

Nos últimos cinco minutos de jogo, o time paulista tratou apenas de garantir o resultado, catimbando e chutando de bico para todos os lados.

– Bola pro mato que o jogo é de campeonato! – vibrava o capitão do Dínamo, Murilo, aumentando o ânimo de seus companheiros.

Apito final do juiz, o público no estádio Agenor Fonseca, o Fonseca, se levantou para festejar. Os jogadores do time alvirrubro correram na direção de Zuba para abraçar o grande responsável pela vitória. O sofrido 1 X 0 sobre o poderoso Tiradentes, campeão mineiro, levou o time para a última rodada do campeonato de pontos corridos com chance de conquistar o título nacional. Pingando, com o uniforme molhado de suor, Zuba era pura emoção.

– Zuba, a revelação da temporada, conseguiu transformar uma equipe intermediária no grande azarão da competição – dizia um dos mais conceituados comentaristas do rádio em suas palavras finais. – Atropelou, ao longo do certame, esquadrões como o Desportivo, o União Paranaense e o Copacabana.

Cercado pelos jornalistas, Zuba falava dos cuidados que deveriam ser tomados para enfrentar o Atlântico, do Rio de Janeiro, na rodada final. Não escondia o sonho de ser campeão pela primeira vez:

– O Atlântico é o favorito, só precisa do empate, mas jogaremos com garra e determinação para provar que merecemos este troféu!

Aproveitou para disparar uma crítica aos cartolas, em especial a Reinaldo Carvalho, presidente da Federação Nacional de Futebol, por causa da pequena presença de público num clássico tão importante.

– O preço dos ingressos e o desconforto dos estádios assustam o torcedor – repetia nos microfones que se amontoavam à sua frente. – A quantidade de jogos prejudica o jogador e a qualidade das partidas. Precisamos dar um basta nisso para o torcedor voltar em peso aos estádios. Queremos ver as arquibancadas lotadas.

Enquanto seus companheiros desciam para o vestiário, ele recebia todos os prêmios de melhor jogador em campo. Um relógio digital, um jogo de pneus e um cartãozinho rabiscado à mão que garantia um jantar para duas pessoas numa cantina italiana. Penduradas no alambrado, algumas fãs

mandavam beijos para o jovem ídolo, que descia para o vestiário. Ele voltou, arrancou a camisa e a arremessou para a galera.

– Vocês merecem! – gritou ele.

Em retribuição, ganhou o corinho “eô, eô, o Zuba é um terror!”. Ele era, na visão das torcedoras, um supergato: moreno, 19 anos, olhos verdes, cabelos curtos. O discreto aparelho corretivo nos dentes lhe acentuava o ar de meninão. Zuba estava nas nuvens. Ele se sentia um herói.

Quando entrou no vestiário, ainda tonto de tantas entrevistas e autógrafos, os companheiros já começavam a sair.

– Vamos tomar uma cerveja? – perguntou o capitão Murilo, melhor amigo de Zuba.

– Com essa idade, ele só pode tomar guaraná – brincou o técnico, Luís Maurício.

– Não, obrigado. Vou para casa. Minha mãe disse que ia me preparar uma bela lasanha. Estou morrendo de fome. A Márcia também está me esperando.

– Tanta mulher dando em cima dele e o baba-ca vai ver a namorada – gritou o companheiro Guilherme, solteiro e bem-cotado entre as fãs (depois

de cada jogo, contava para quem quisesse ouvir, que saía com uma garota diferente).

– Acha que eu vou dar bola para qualquer uma como você faz? – disse Zuba.

O clima começou a ficar tenso.

– Olha como fala! Eu arrevento a sua cara... – reagiu Guilherme.

– A sua namorada nunca vem assistir ao jogo aqui no estádio, não é? – cortou Luís Maurício, antes que a discussão entre os dois aumentasse. Guilherme apanhou sua mochila e saiu, praguejando alguma coisa inaudível.

Zuba jogou o uniforme usado para o roupeiro, que já dava sinal de impaciência. Pegou o sabonete, o xampu e a toalha.

– Ela gosta muito de futebol. Antes de começarmos a namorar, não perdia um jogo. Depois, ficou com ciúme das tietes. Um dia, quase brigamos. Por isso, acho melhor ela torcer pela TV.

A conversa foi interrompida pelo presidente do clube, que chegou de repente para abraçar Zuba. Depois foi a vez de Bolão, ex-presidente de torcida organizada, fazer o mesmo. Zuba ficou espremido entre os 150 extrovertidos quilos do torcedor.

– Você é fera! Esse título já é nosso! – berrou.

– Calma aí. Ainda falta um jogo... – lembrou Zuba.

– Se você continuar jogando tanto assim, não tem vez para ninguém!

Bolão foi atrás do técnico e deixou Zuba. Debaixo da água quente, o jogador conseguiu entender finalmente tudo o que estava sentindo. Cansaço, pois tinha sido um jogo tenso e muito disputado. Fome, já havia sete horas que não comia nada. Mas o que dominava a sua mente era um sentimento novo. Euforia. Sabia que tudo estava prestes a mudar em sua vida. Relembrava os momentos decisivos da partida. Pensava em repetir a festa na finalíssima, no domingo seguinte.

– Quer carona? Ou você vai no ônibus?

Zuba levou um susto. Tirou o sabão que cobria o rosto e viu Jacaré, um dos reservas da equipe.

– Não, obrigado. Estou com o meu carro aí.

Ficou sozinho no vestiário. Por uma vidraça quebrada, percebeu que a noite que entrava ali tinha uma tonalidade escura. Resolveu se apressar ou chegaria muito tarde para o jantar. Seu estômago dava a impressão de estar fazendo uma daquelas *olas* que a torcida costuma praticar. Vestiu a calça

jeans e uma camiseta toda branca. Quando colocava o cinto, ouviu um barulho na porta do vestiário.

– Mais um torcedor – murmurou. – Ainda bem que já estou vestido.

Continuou se arrumando e percebeu que os passos vinham em sua direção. A luz se apagou.

– Ei, quem está...

Não terminou a frase. Só sentiu uma mão colocar um pano com um cheiro forte no seu nariz. Apagou.

## CHEIRO DE NOTÍCIA NO AR!

Ela entrou na sala, jogou a bolsa na mesa e soltou um suspiro tão forte que alguns papéis ameaçaram sair voando.

– Eu não estudei quatro anos para ficar entrevistando dondocas que levam o cachorrinho para desfilas. – Maria Cândida era uma mulher bonita e ficava ainda mais com aquele ar bravo. Tinha 25 anos, cabelos loiros curtos, olhos azuis-clarinhos.

Ao redor dela, ninguém parecia ter dado muita importância ao desabafo. A noite de domingo era uma das mais agitadas do jornal. A correria era enorme, os telefones não paravam de tocar, mãos frenéticas batucavam as teclas dos computadores. Todos pareciam estar fora do mundo ao seu redor. Era uma luta contra o relógio, como aquelas que fizeram a fama dos filmes do 007. Maria Cândida queria viver o jornalismo mais intensamente. Por enquanto, sentia que ainda era tratada como “foca”. Não que os editores lhe arremessassem sardinhas depois de ca-



da trabalho. Esse é apenas o termo que os jornalistas usam para tratar os iniciantes. Seus textos sempre ocupavam espaços pequenos. Quando ganhava uma coluna de sessenta linhas, dizia aos amigos, sentia-se como o próprio escritor russo Tolstói escrevendo o rechonchudo clássico *Guerra e paz*.

Naquele dia, ela foi escalada para cobrir um desfile de cachorros de raça no Tênis Clube da Aclimação. Ficou quatro horas entre pinschers, dálmatas e collies. O ganhador foi um beagle batizado pela dona de Luiz Eduardo (“com z”, como fez questão de acrescentar). Vivia dizendo que queria mais. Grandes reportagens: um caso de corrupção, uma enchente ou um misterioso assassinato. Quando começou a escrever seu texto, percebeu uma movimentação diferente entre os repórteres da seção de esporte. O editor estava à beira de um chique:

– A fama sobe logo à cabeça dessa gente!

Maria Cândida não perdeu a oportunidade de xeretar o motivo de tanta irritação.

– Aquele garoto do Dínamo, o Zuba, ficou de nos dar uma entrevista e ainda não voltou para casa. O jogo terminou há mais de três horas!

– Deve estar bebendo, farreando por aí... – pôs lenha na fogueira Ladislau Fonseca, veterano repórter esportivo, do tempo em que ainda se chamava jogo de “prélio”. – Quando eu critiquei esse jogadorzinho, todos caíram me matando.

– Calma, pessoal. Pode ter acontecido alguma coisa – arriscou Maria Cândida, sentindo o cheiro de uma boa história no ar.

## FESTA INTERROMPIDA

A família de Zuba fazia festa na sala diante da televisão. Zuleika colocava toda a hora a cabeça para fora da cozinha e dava uma espiadela para ver se estavam falando mais alguma coisa do filho. Era ela a responsável pelos recortes das reportagens que saíam a respeito do rapaz. No dia seguinte, sabia, o trabalho seria grande. Depois dos jogos, Zuleika descia até a banca e comprava todos os jornais. Até mesmo os mais populares, que abria direto na página de esportes por não gostar das cenas de crimes estampadas na capa.

A mais ansiosa, no entanto, parecia ser Márcia, namorada de Zuba. Ela estava rouca de tanto gritar.

– Por que ele está demorando? – impacientou-se Márcia.

Por mais que tentasse não pensar nisso, ela logo imaginava o namorado agarrado a uma daquelas fãs. Quase saiu no tapa com uma que ousou dar um beliscão no bumbum de Zuba. E isso bem na sua frente!

Nessas horas, Márcia parecia esquecer das acrobacias que fazia, alguns anos antes, para conseguir um autógrafo de ídolos do Desportivo, do Esporte Paulista e do Dínamo. Zuba não podia saber disso. Ela jogou fora todos os álbuns assim que o namoro ficou mais sério. Zuba era ciumentíssimo.

Outra que andava de um lado para o outro na sala era Luciana, irmã de Zuba. Ela largou um estágio de relações públicas numa empresa cinematográfica e se transformou em uma espécie de assessora do jogador depois que a equipe do Dínamo passou a ganhar todos os jogos. Marcava as entrevistas com a imprensa, cuidava da agenda e despistava as fãs que conseguiam, sabe-se lá como, o seu número de celular. Luciana já estava preocupada com o atraso. Um repórter do *Diário Paulistano* tinha ligado meia dúzia de vezes para fazer uma entrevista especial pelo telefone ainda para a edição de segunda-feira.

– Será que aconteceu alguma coisa? – perguntou, esperando que alguém dissesse o contrário. Zuleika e Márcia permaneceram em silêncio, o que a deixou ainda mais preocupada.

Luciana ligou para cinco jogadores da equipe. Eles contavam a mesma história para tranquilizar